



DEPOIS DA VICTORIA

O rei Constantino da Grecia e o seu primeiro ministro estabelecendo as condições da paz.

PROPRIETARIO E REDACTOR PRINCIPAL
Joaquim Antonio Pereira Villela.

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

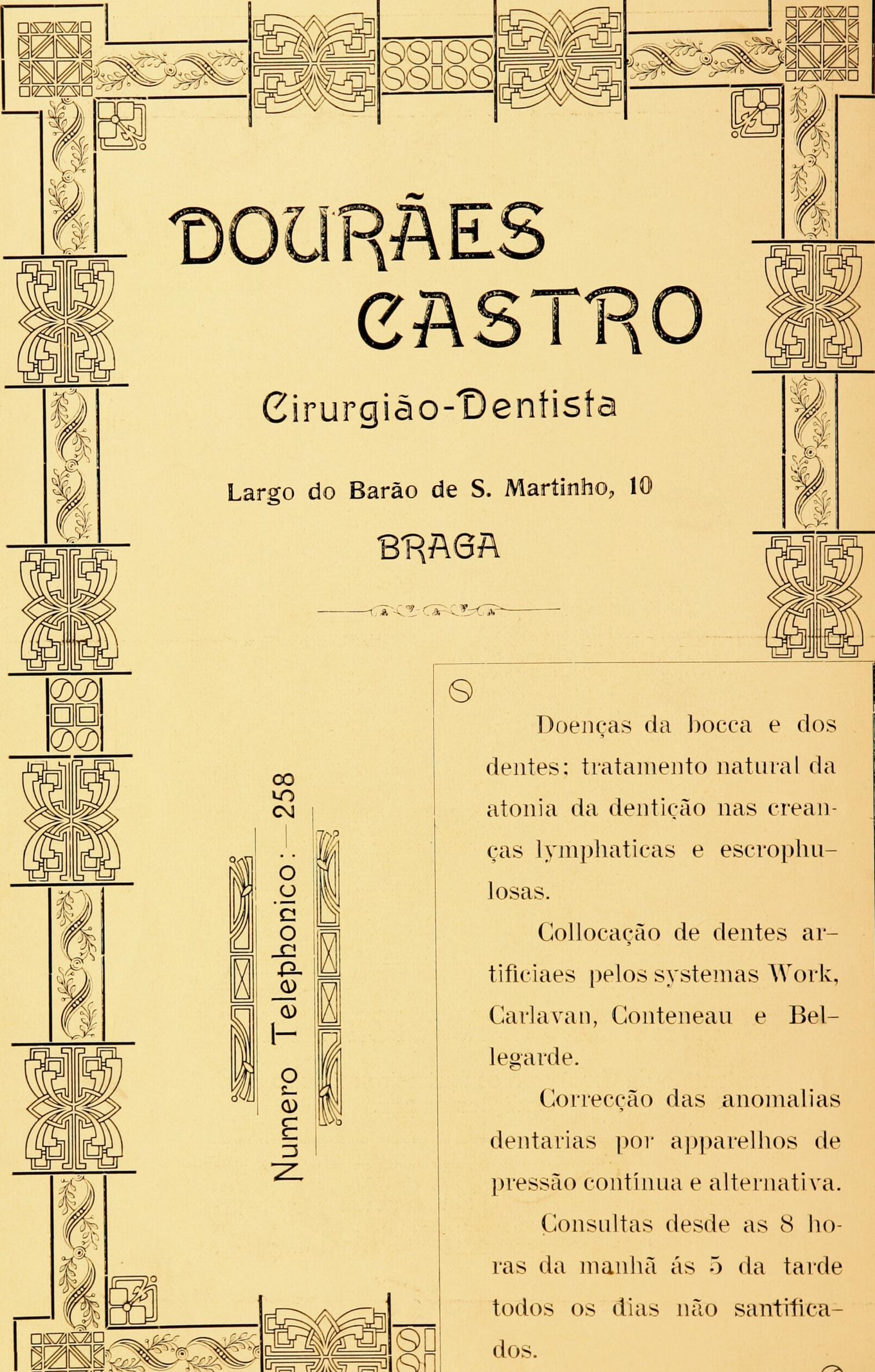
Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de
informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA (PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2\$400
» » (6 mezes)	1\$200
» » (3 mezes)	600
Estrangeiro (1 anno)	3\$000
» (6 mezes)	1\$500
Sendo a cobrança feita pelo correio, acresce o importe das despesas.	
Numero avulso	60



DOURÃES CASTRO

Cirurgião-Dentista

Largo do Barão de S. Martinho, 10

BRAGA

Numero Telephonic: 258

Ⓢ

Doenças da bocca e dos dentes; tratamento natural da atonia da dentição nas creanças lymphaticas e escrophulosas.

Collocação de dentes artificiaes pelos systemas Work, Carlavan, Conteneau e Bellegarde.

Correcção das anomalias dentarias por aparelhos de pressão contínua e alternativa.

Consultas desde as 8 horas da manhã ás 5 da tarde todos os dias não santificados.

Ⓢ



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

PROPRIETARIO E REDACTOR PRINCIPAL — Joaquim Antonio Pereira Villela.

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 30 de agosto de 1913

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
(Antiga R. da Rainha—Braga)

Numero 9 — Anno I



PENAFIEL—Egreja parochial

(Cliché de Braz Ferreira de Souza)

Chronica da semana

IX

NADA impressionou tanto a opinião do paiz, certamente, do que a execução jornalística do chefe evolucionista, nas columnas do *Dia*. As revoluções, todas ellas teem os seus ideologos. A' falta de pensadores, a nossa tem-nos e teve-vos tambem. Antonio José d'Almeida é um d'elles.

Na sua eloquencia de tribuno escondia-se um segredo de seducção para as multidões que o escutavam, rangendo os dentes, se elle os rangia, procurando reproduzir no olhar as ascuas de fogo que iriavam o seu.

Affonso Costa revelou-se no poder. Era a reserva da demolição republicana, ousou mesmo dizer, o mais fiel interprete do espirito jacobino que dominou toda a propaganda do partido, e inevitavelmente, segundo as observações da psychologia das multidões, havia de fructear no desvairamento e na intemperie politica que soffremos.

Antonio José d'Almeida, por seu lado, não era nem é um homem de governo. Tem a audacia das apostrophes, apenas. Terminando o periodo doidejante dos comicios, terminado estava tambem o seu papel de politico activo.

Affonso Costa escalou o poder: Antonio José d'Almeida ficou no supedaneo do altar onde jurára o sacrificio da vida.

Isto é o que Moreira d'Almeida acaba de frizar triumphantemente no *Dia*, e que tanto faz lembrar a phrase celebre do chanceller prussiano:

«*Não possuímos eguaes ideias em politica, quando d'ella nos occupamos como amadores, na frivolidade d'um dilettantismo, e quando uma situação imperiosa, gravissima, nos obriga a responder pelas nossas acções.*»

Convido agora os leitores a desviar a attenção da politica... para não escandalisar um conspicuo patriota que nos remetteu um numero da revista, com estes profundos dizeres garrafalmente escriptos na tarja da capa: *Cheira a thalassaria como burro!*...

Como veem, é impossivel definir melhor o olfacto do cidadão irritado, e só resta pedir-lhe que não empregue o seu tempo a cheirar quanto papel lhe venha ás mãos, só pelo louvavel proposito de destrinçar na pituitaria a sua côr politica...

... Vi ha dias desfilar uma companhia d'um regimento d'infantaria. A certa altura, divisei n'uma fileira quatro rostos conhecidos: quatro seminaristas, quatro futuros padres!...

Garbosos, direitos, como os melhores da força, olharam para mim e sorriram-se... No antigo regime, eram naturalmente isentos do serviço militar os rapazes votados ao sacerdocio. A lei de separação aboliu esse privilegio, que era porventura uma justa reparação, e uma necessidade, para que a educação espiritual do padre mais perfeita se tornasse.

Continuei o meu caminho atraz dos soldados, estrada fóra, e envoltos na poeira, sob um sol abafante que prenunciava trovoadas, o tropear da sua

marcha e os rufos do tambor, davam uma impressão de força, de surdo rugido e de ameaça.

Sob o copado d'um sobreiral, o bivaque desdobrou-se, e enquanto uns recrutas se estiravam no arrelvado, outros iam dessedentar nas fontes e n'uma taberna lôbrega, e o rapazio carifranzido do logar admirava surprêso o polido das espingardas e bayonetas ensarilhadas; — approximei-me a saudar os meus quatro amigos.

Um sargento, acoitado debaixo d'um alpendre, olhava-me supercilioso... suspendendo a leitura do *Mundo*.

Não sei se os bons rapazes soffreram alguma insinuação cavillosa pela minha approximação, mas o certo é que não liguei nem ligo importancia ao zêlo comico de semelhantes defensores da Republica.

A certa altura, apoz á troca de cumprimentos, perguntei:

— Então vocês o que são afinal? Seminaristas ou recrutas?...

— E' preciso saber de tudo, retorquiu-me um d'elles. Não imagina a ignorancia e a depravação de muitos dos nossos camaradas... Nós somos ambas as coisas: recrutas e seminaristas.

Stendhal não disse que *les seminaristes sont les enfants de troupe de l'Eglise?*...

O clarim tocava a reunir para recommençar a marcha. Despedimo-nos. Já afastado da força, ainda ouvia o tropear cadenciado da marcha, surdo, depois tenue... até se dissolver no ramalhar das arvores viridentes... E a phrase de Stendhal não me esqueceu. Oxalá estes, os quatro seminaristas-recrutas, a não esqueçam tambem.

F. V.

Aljubarrota!

14 de agosto de 1385



NUNCA é tarde para memorar gloriosos feitos, para colher d'elles as profundas licções para a existencia futura, e apurar, na sua comprehensão nitida, o sentimento nacional.

O anniversario d'Aljubarrota é um d'elles. Atual-o no olvido ou na indiferença é um crime, uma prova de inepecia.

Registemol-o, pois, n'estas paginas da *Illustração Catholica* que desde o inicio se vem dedicando á divulgação da tradição religiosa e politica portugueza.

Quinhentos e vinte oito annos dobrados sobre os campos memoraveis onde se derimiu o prelio heroico, sente-se ainda na sua recordação intelligente e ousada, que gira nas veias do povo a seiva perenne e renovadora d'uma crença nos destinos a que o Deus d'Ourique o votou!

Quem foi a Aljubarrota com o Mestre d'Aviz e o Condestavel?

A independencia nacional. No exercito portu-



guez, conclue Pí-
nheiro Chagas, ha-
via unidade de ac-
ção. Foi a «*carria-
gem dos portugue-
zes*» — no dizer ex-
pressivo de Fernão
Lopes — que insultou toda a galhar-
dia orgulhosa dos
castelhanos.

Que é que exsur-
ge de Aljubarrota?

«Uma nação for-
mada, aclamada,
baptizada em san-
gue» — responde
Oliveira Martins.

E' parallelamente,
a conjunção
d'estes dois elemen-
tos de unidade e
bravura, que alli em
Aljubarrota a r g a-
massa o edificio na-
cional, solidifica-o
de novo, apoz as
retaliações das
guerras civis, du-
rante a dominação
da rainha adúltera.

O sol de 14 de
agosto de 1385 veio
encontrar nas almas
dos peões, do rei e
de Nun'Alvares, a
resolução robusta
de pelejar para vi-
ver. O arcebispo de
Braga, espargindo
exhortações le m-
brava as palavras
do Evangelho: *Et
verbum caro factum
est*. E os soldados,
bisonhos e serenos,
traduziam:

«*Que verdade, ver-
dade, é muito caro
este feito, mas se
Deus quizer ha de
sahir de bom mer-
cado*».

Mais tarde, quan-
do os ginetes cas-
telhanos trucidam

os poltrões que buscam na fuga a salvação da pelle
e o pregão da propria vergonha, — são ainda os
mesmos soldados que commentam: «Morrer por
morrer, mais vale morreremos como homens».

João de Monferrat, o brioso cavalleiro gascão,
dizia ao Mestre d'Aviz: «Tenho assistido a sete ba-

talhas campaes, e nunca vi soldados com mais re-
soluta physionomia...»

Eis o segundo exemplo que Aljubarrota nos of-
ferece: a coragem no cumprimento d'um dever pa-
triotico.

Um illustre historiador chama a Aljubarrota o



D. Nuno Alvares Pereira, o Condestavel portuguez

NO
O
NO



primeiro signal da *guerra democratica*. Bom será, porém, não introduzir na critica o fogueteio dos termos campanudos. Apoz a trajectoria que a nacionalidade segue atravez a primeira dynastia, phase rudimentar de delimitação do territorio cujos maiores estadios se marcam em Ourique e no Salado; em face da desorganisação e desorientação do paiz calcado pelas patas da cavallaria invasora, contaminado pela bastardia de muitos caracteres Aljubarrota não deve capitular-se de *guerra democratica*, porque tal expressão nada significa perante a historia e perante as leis militares: aquella só nos revela o facto *democratico* com todas as suas consequencias antagonicas com a tradição portugueza, transpostos quatro seculos; e estas, quer olhadas as circumstancias da epoca medieval, quer consideradas modernamente, apenas constataam a *democracia* na guerra, em 1792, na organisação dos batalhões voluntarios da Revolução, formação militar de perni-



D. João d'Almeida

Capitão do exercito austriaco, preso em Chaves quando se deu a segunda incursão dos realistas portuguezes. Está na penitenciaria de Lisboa a cumprir pena maior em que foi condemnado pelo tribunal de guerra.

ciosos effeitos, que as maiores auctoridades repudiam e condemnam (1).

(1) Ainda ha dias foi proposto ao Parlamento da França, a eleição d'uma delegação parlamentar ou commissão civil do exercito, para seguir junto do estado-maior as manobras e os serviços de reorganisação militares, como prefacio d'esses commissariados geraes do exercito de que o jacobinismo nos deixou tão amargas recordações; e *una voce*, tal ideia foi relegada como um preconceito anachronico.

«Imaginae um Jaurés a discutir um movimento de tropas em campanha!—escreve um diario parisiense. Imaginae um generalissimo obrigado a explicar a evolução d'um corpo d'exercito a ignorantas, em vez de o fazer executar bem e depressa!»

Não! Aljubarrota é antes a sancção pelas armas, da obra eminentemente patriótica que João das Regras orienta, amolda e retoca nas côrtes de Coimbra, é a providencial refacção da unidade nacional, é a ultima etapa d'um periodo de formação laboriosa e lenta, é um povo que raspa com a sua tenacidade um futuro largo, e sacóde a fronte immaculada quando no grande mysterio do mar echôa aquella voz de sonho e de aventura que começa a perturbar n'um delirio de gloria, a alma do infante, — berço d'um mundo novo!

Hoje ainda, é pela bravura, pela unidade, pelo cumprimento do dever patriótico que a nação se salvará. E' pela aniquillação de todos os dias substituindo a delação pela altivez d'um *senão*, não antigo, a preocupação partidaria pela harmonia de todos, o culto das formulas pelo culto dos antepassados, que Portugal se salvará...

Convençamo-nos d'estas verdades ha pouco ainda ennuiciadas por um grande orador nosso, e que resumem toda a licção d'Aljubarrota: «Eduquem-se as almas ao contacto salutar das nossas glorias, dos nossos poetas, dos nossos soldados, dos nossos ousados navegadores. Voltemos ás fontes puras de inspiração nacional: pensemos em portuguez: escrevamos em portuguez: trabalhemos como portuguezes: despertemos a adormecida alma nacional!»

F. D'ALMEIRIM.

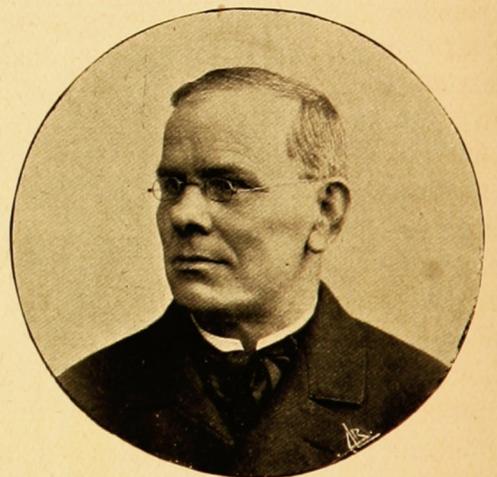
FIGURAS DA BEIRA

II

P.^o Antonio Roseira



QUEM entra em Lamego pelo norte, ou antes pelo oriente, vê diante de si um horisonte alegre e amplo, com a nota muito artistica do Sanctuario dos Remedios n'um fundo em que ha tons de verdura que sorri. Avista-se ao longe a linha alpestre de Penude,



Dr. Manuel Lopes Roseira

(Deão da Sé de Lamego) fallecido

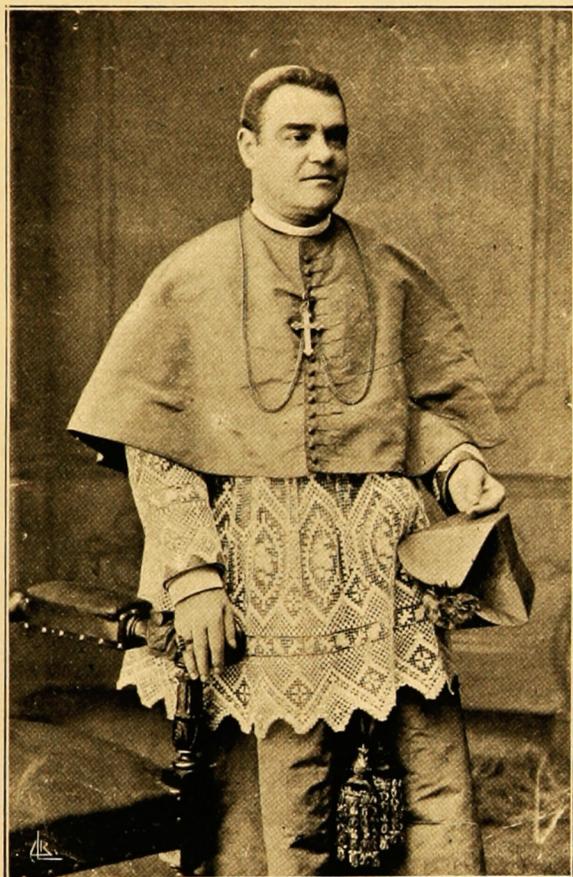
de, e nem a figura pardacenta do castello quadrangular consegue impôr então aquella severa tristeza que, depois, entrando a cidade, o velho monumento como que imprime sempre a tudo.

Até a serra de Penude parece festiva e fecunda



da. O poder da luz especial] d'aquelle viso de ao pé da Ortigosa alegre todos os relevos, dá alvuras ás cortinas de pedra negra que desabam da serra das Meadas, amplifica, á força de o animar, o panorama que até Santa Cruz ondula, golpeado de caminhos curtos, ás vezes quasi covas, alevantando tambem casas de campo, raras, mas brancas.

Mas, na Ortigosa, á direita de quem entra, ha um arremedo de Bairro Novo, com elegancias de moderna aristocracia. E', defronte da linda vivenda Ferraz, uma linha de casas altas e novas, mas logo dominadas pelo Collegio de Lamego que, n'um plano superior, se estende, enorme, todo de



D. Antonio Thomaz da Silva Leitão e Castro
(Bispo de Lamego, fallecido)

granito, com muitas e largas janellas sobre o valle em que soluça o riosinho que catadupa nas Lages, valle que, da estrada da Ortigosa, parece um mysterioso abysmo, disfarçado por culturas.

O edificio é magestoso pelo poder e vastidão e pela eminencia do local. Attrae e subjuga o olhar. Rodeiam-no vegetações medianas que elle vence com magestade. Perto, ha a cinza de olivae raros, dispersos, caminhos rusticos, restos de pedreiras.

O Collegio de Lamego é um estabelecimento em tudo poderoso. Sem elle, não teria Lamego o lyceu, nem teria a receita, a animação, a vida, que representa o seu grande internato. O seu actual director, P.^o Alfredo Teixeira, pulso firme, espirito lucido, solido character, valorisa-o com austeridade e, ao mesmo tempo, com bondade, paternalmente, com uma tal devoção de filho da terra lamecense, que nem parece d'ella ser um dos mais amados filhos adoptivos. Dir-se-hia o apaixonado thesoureiro d'uma tradição de amor e luz.

010

Mas quem o fundou foi um santo, um grande missionario de todo o bem, o Padre Antonio Joaquim Lopes Roseira. Bem sei que o verdadeiro fundador foi, como reza uma portaria, datada de 6 de Julho de 1861, o dr. Manuel Roseira, irmão do adorado Padre Antonio.

Mas o dr. Roseira, professor illustre, não era um pedagogo consummado. Ecclesiastico notavel, sem duvida, preocupava-se de preferencia com planos de grandes progressos locais e regionaes, e d'ahi, veio o apaixonar-se muito pela vida politica. Exercia o professorado durante algumas horas por dia, mas nem tinha vocação nem tempo para a gerencia aturada do Collegio. Assim, Padre Antonio foi depressa o director, o trabalhador sem igual.

Installaram o Collegio nos Fornos, á Sé. Ahi fui eu, com cinco annos de idade, receber as primeiras lettras. Lembra-me a minha entrada. Casa vasta, mas fria. Um guarda-portão curioso, o velho Marcellino, fungando pitadas enormes. Escadaria de negro granito. Ao cimo, um grande relógio de sala. Chegava alli vivamente o odor especial das padarias em actividade. Um murmurio immenso: o de trezentos estudantes, distribuidos por muitas salas, estudando ou dando lições, zumbindo como abelhas.

Eu entrei, apresentado por meu pae, que, por si-



Dr. Miguel Moreira da Fonseca
(Lamego)

gnal, teve de me puxar as orelhas por não me assoar— confesso-o humildemente. Veio um prefeito, homem de largas barbas grisalhas, que mais tarde se ordenou, o *Padre Bento*. Eu devia cumprimentar, e metti um dedo na bocca, outro puxão d'orelhas e então ouviu-se a minha voz. O futuro Padre Bento, vendo-me tão pequenino, chamou-me *botões de casa*, ao que eu, amigo da paz das minhas orelhas, entendi que devia responder: — *Muito obrigado!*

010



Riu Padre Bento. Meu pae riu, vaticinando-me pilheria e malicia. Mas, n'isto, appareceu um padre baixo, nutrido, bexigoso, de côres vivas, olhos pequenos, penetrantes, mas affectuosos. Era o Padre Antonio Roseira. Tremi. Padre Antonio, a principio, tinha um ar aggressivo.

Pois era um santo, o santo que sempre vi durante os vinte e tantos annos que o tive por amigo, e sempre mestre, estremecido segundo pae.

JOSÉ AGOSTINHO.

Deante da porta doirada



snr. Alfredo olhou terceira vez para o relógio e exclamou com alterada voz. — Seis e meia, e o menino sem vir. Aquelle senhor era bastante severo e não tolerava que se interrompesse a ordem estabelecida em sua casa, quando não houvesse para isso

— Não te cegues, Alfredo. Quem sabe o que lhe terá acontecido?...

O cavalheiro contemplou-a... E' verdade que a sua mulher podia ter razão.

N'isto resoou a campainha.

— Elle ahi está! — disse a menina.

O pae levantou-se irado, disposto a receber seu filho de modo bastante brusco, mas sua mulher — sempre mãe! — conteve-o:

— Não é justo que o castigues antes de ouvi-lo.

Esta sensata reflexão fez com que o severo cavalheiro se assentasse novamente.

Então na sala de jantar appareceu Manuelzinho, rapaz de quatorze annos de idade, fino, guapo, intelligente. Seus olhos francos e expressivos, fixaram-se no rosto ennevoadado de seu pae.

— Então esta é que é a hora de vir, meu filho? perguntou a mãe, que desejava evitar a seu filho um mau bocado.

O jovensinho, não respondeu tão depressa como seu pae desejaria. Este gritou-lhe:

— Responde, imbecil!

O pequeno tartamudeou:

— Estive... n'uma... n'uma visita.

— Visitas a estas horas? V. mente!



As ultimas corridas de bicycletas em Braga

1—Manuel Alves Machado, primeiro premio. 2—Mario da Costa Palmeira, segundo premio. 3—Antonio Correia Bettencourt, terceiro premio. 4—Henrique José Urze, quarto premio e 5—Alberto Correia Bettencourt, quinto premio.

fundados motivos. Methodico em tudo, do mesmo modo que acudia pontualmente ao trabalho, gostava que ás seis da tarde estivesse, prompto para jantar. Eram seis e meia e seu filho Manuel não tinha chegado!...

A filha, encantadora menina de doze annos, tremia. A mamã tinha secca a garganta e procurava engulir saliva, assustada ao imaginar o par de bofetadas que seu filho ia ganhar, logo que assomas-se no degrau da porta. Por isso, murmurou:

E furioso, de novo se levantou o snr. Alfredo, depois de dar uma palmada sobre a mesa, na qual tremeram as jarras e os copos, e dançaram os pratos.

Avançou para o seu filho, disposto a castigar-lhe a mentira, coisa que o cavalheiro odiava, quando se sentiu preso por dois braços muito debeis e que, por isso mesmo não podia desprender de si com força. A menina, abraçada ao seu papá, dizia com voz lacrimajante:



—Não, não lhe bata, papá!

O pequeno, ainda que o temor lhe abrazava o rosto, teve animo para dizer com arrogancia.

—Não é mentira! Eu não minto!

—Não mentes?... Atreves-te a dizer que não mentes?

—Sim, senhor!

Aquella cathgorica affirmação deteve a colera paterna.

—Explica-te, então, disse o snr. Alfredo.

A mãe, com a habilidade e talento proprios da mulher, interveio:

— Comamos primeiro, se te parece, disse. A hora passa e não é justo fazer esperar os creados, que trabalharam todo o dia. Depois temos tempo de explicações.

O snr. Alfredo era razoavel, cedeu.

a mãe, que tu faças visitas, demais a estas horas. Onde estiveste, meu filho?

A voz doce, melodiosa, acariciadora, de sua mãe, fez-lhe levantar a cabeça de sobre o prato onde parecia ir abysmar-se, e os olhos do joven fixaram-se no rosto, bello ainda, da dama, e as suas pupillas dilataram-se, cheias dos amorosos effluvios de sua mãe. E com o olhar fixo n'ella, fallou, com voz que se ia tornando viril, de expressão facil e segura:

— Deante do Sacrario!

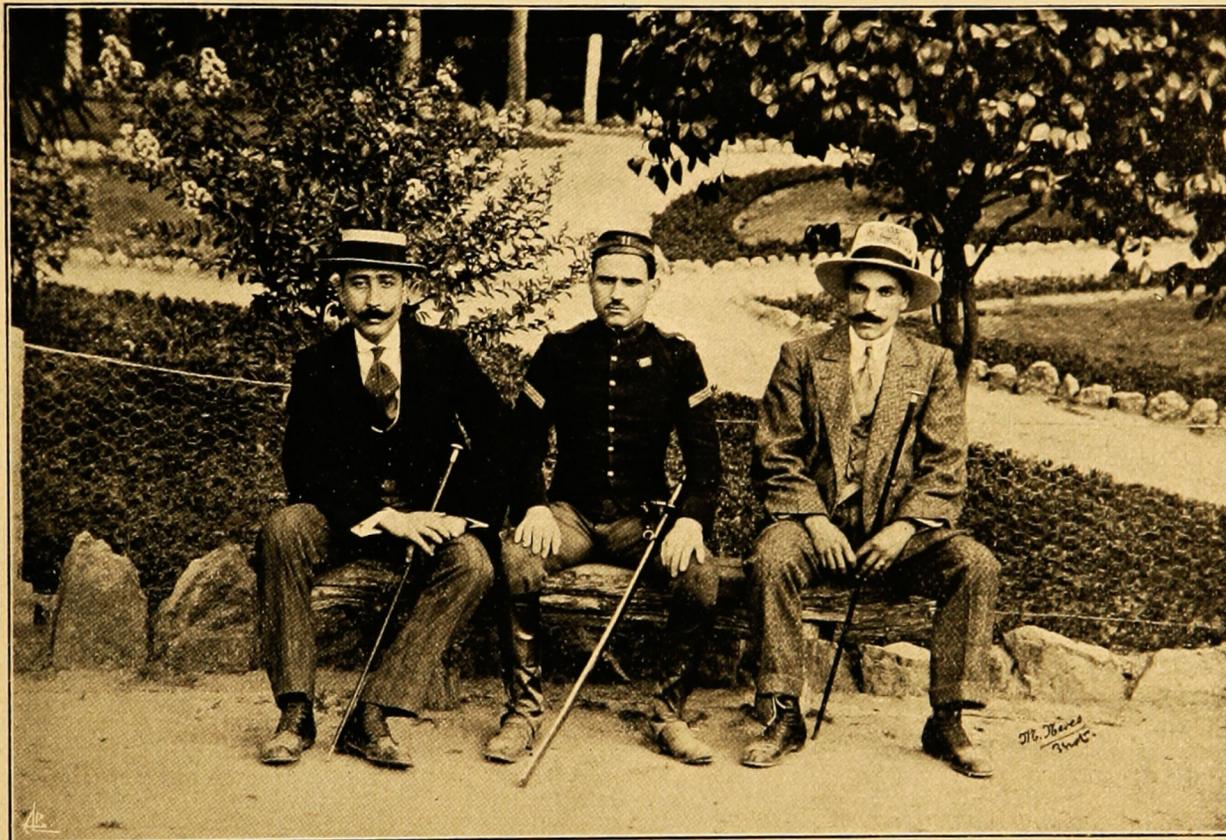
O pae ficou attonito. Não suspeitava que seu filho saísse com tal declaração.

O rosto de Maria resplandeceu de jubilo.

Os olhos da mãe inundaram-se de lagrimas.

— Deante... de que Sacrario? pôde dizer o pae.

— Deante do da Parochia.



A comissão da corrida de bicycletas

Antonio Pedro da Costa Veiga, Claudino Alves Rodrigues e José Simão Vaz.

Começou, pois, silenciosamente o jantar. Sem embargo, depressa encontrou lugar para censurar as pessoas desordenadas.

— E' preciso inculcar nas creanças — disse o bom pae de familia — o amor ao methodo, porque toda a desordem é coisa diabolica, por insignificante que pareça. E o caso de hoje não é assumpto de somenos importancia. Pois que? será licito a um filho fazer esperar os seus paes?... Chega um homem a sua casa cansado de trabalhar, debilitado, exausto e não pôde receber o alimento de que necessita para refazer as exgottadas forças, porque o seu filho, um rapazola de quatorze annos, tem que fazer visitas... Visitas ás seis e meia da tarde!... Ora! como se todos fossem tontos!...

Manuel comia e calava, mais córado do que uma papoula.

— Certamente é extraordinario, acrescentou

— Mas a igreja está fechada a esta hora.

— A mim deixam-me entrar pela sacristia. O sacristão é bom homem, e além d'isso, sabe que não vou commetter desacato algum.

— Porém, meu filho — interrogou a mãe, porque não vaes a outras horas?

— Eu vou todos os dias, quando saio do collegio, mas hoje detive-me mais tempo porque...

— Porque?

— Porque agora, n'estes dias curtos do inverno está a igreja ás escuras.

— Não vejo que relação... disse o pae.

— Sem duvida, não me explico bem.

— Procura, então explicar-te.

— Verá... As aulas occupam-me todo o dia e não posso acompanhar a mamã quando se ao lausperenne, de modo que, se não fosse de is do meu estudo, não podia ir. Vou, pois, porque... necessi-



to d'Elle! e porque está só no Tabernaculo e devo acompanhá-lo sequer um pouquinho!... E quando está mais só é a essa hora, de tarde! Todos vão descansar, comer... Sim, tudo isso é justo, mas não é justo que Elle fique só... e quão sósinho está!...

Ninguém comia. Todos escutavam. Até o criado que servia á mesa, tinha ficado com um prato na mão e sem se mover, escutando o sympathico rapaz. Este accrescentou:

Hoje fui um pouco mais tarde do que o costume. Eram quasi seis horas. A igreja estava ás escuras. Não se ouvia o mais leve ruido. Cheguei deante da grade do Sacrario e ajoelhei. Ardia a luz da lampada enviando, atravez do crystal verme-

— Que mais?

E elle disse:

— O ponto de luz vermelha parecia crescer. Tomava a forma de um coração... E eu adorei!... Depois, mudando de tom, accrescentou o joven.

— Manasinha, se o mundo soubesse o que é estar a sós com Deus, deante do Sacrario, deante da porta doirada que reflecte a luz da lampada, n'estas escuras tardes de inverno, entre as sombras do crepusculo, sem testemunhas, sem ninguem que não seja o mesmo Deus! Se saboreassem a intimidade de Christo, solitario de amor, preso no Tabernaculo!... E eu.... nem que me castiguem, não o deixo sósinho.

O jantar terminara; Alfredo deu graças e levantou-se. Ao passar junto de seu filho, de-teve-se. Poz-lhe a mão sobre a cabeça e disse:

— Deus não quer nada desordenado... Nem sequer as tuas visitas!... Isto é, apressou-se a dizer, se por visitar a Nosso Senhor, occasionas prejuizos a teu proximo. Talvez não reflexionasses no que te digo. Assim, pois, por hoje te perdôo.

Afastou para traz a

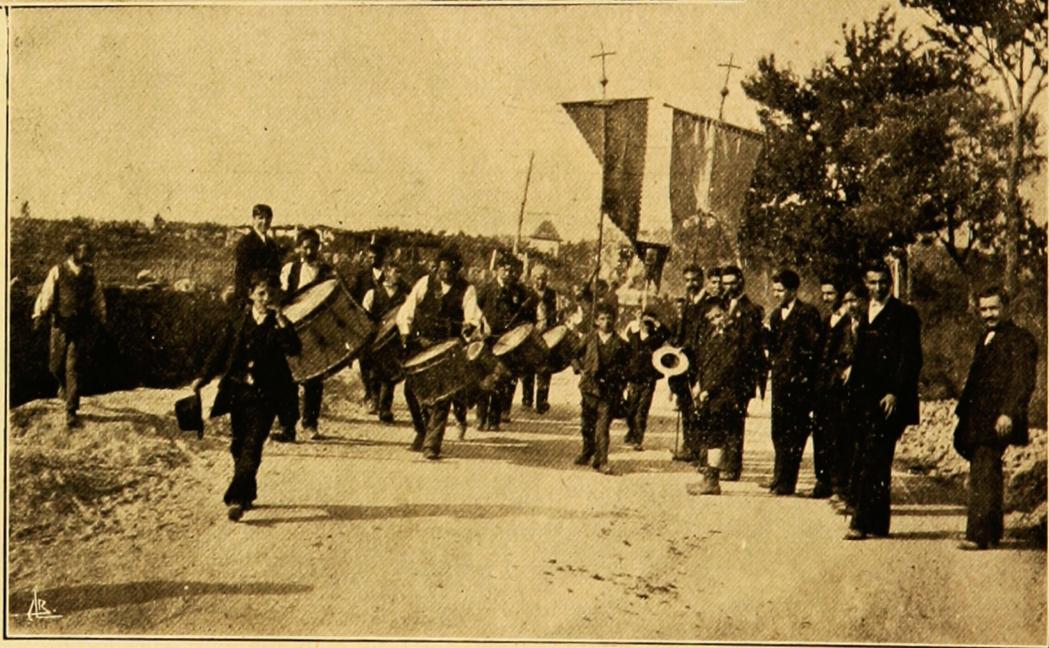


Penafiel—Festa de Santa Martha.

Aspecto do arraial.

lho, um fio de luz encarnada que se reflectia, sangrento, sobre a doirada porta apóz a qual, Deus vivo, vestido de branco, me esperava... nos espera sempre a todos... Recordei a phrase de um santo bispo que, todas as tardes, tomava o baculo e apoiado n'elle se dirigia ao sanctuario da sua capella, para visitar o Solitario da Eucharistia. Chegava, e, com o baculo, dava um suave golpezinho na porta do Sacrario e dizia: «Senhor, estaes ahí? Pois aqui tendes um escravo vosso.» Recordei isto e disse ao Senhor: «Meu Jesus, que fazeis ahí? Esperaes-me? Pois eu estou aqui!...»

O joven calou-se. Maria perguntou:



Penafiel—Festa de Santa Martha

A passagem da procissão no campo do Ouro

(Clichés do nosso corresp. phot. J. Abren.)

—

cabeça de seu filho e beijou-o na fronte, mas o rapaz levantou os braços e se abraçou com elle chorando, chorando como um pequerrucho de quatro annos.

—Está bem! Está bem!—exclamava o sr. Alfredo.



E quando se pôde desprender d'aquelles laços tão puros e tão fortes, retirou-se seccando com o dedo uma lagrima que, impertinente, se enredara nas pestanas.

Ao chegar á porta da sala de jantar voltou-se, já sereno, e disse a sua mulher:

— Se n'isso não vês inconveniente, de amanhã em diante jantaremos ás seis e meia... Para que o menino... *não o deixe só...*

MIGUEL ALVAREZ CHAPE.



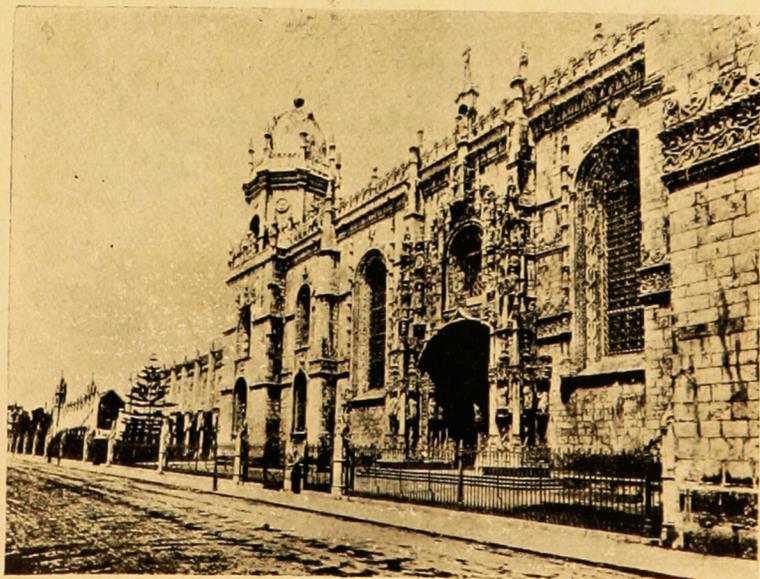
Dr. Manuel d'Arriaga

(No seu quarto, ainda convalescente)

(Cliché do nosso corresp. phot. em Lisboa).

LISBOA. Igreja de Santa Maria de Belem e convento dos Jeronymos

Foi fundada por D. Manuel I que arrasou a pequena ermida do Restello que alli existia e onde Vasco da Gama velou a noite na vespera da partida para a India, para construir alli a imponente e sumptuosa igreja



Igreja de Santa Maria de Belem e convento dos Jeronymos

de Santa Maria e convento dos Jeronymos.

Com esculpturas do mestre Nicolau «o Francez» tendo sido o projecto do insigne João Castilho e do architecto Boytaça ficou uma das mais surprehendentes obras, a que bem alcunharam a *epopeia de pedra* do reinado de D. Manuel.

As obras só vieram a findar na regencia de D. Catharina, viuva de D. João III.

O interior da igreja de 3 naves de 88 metros de comprimento, 23 de largura e 49 de altura no cruzeiro, é imponente.

Entrando o portico, que serve de vestibulo, vê-se á direita um altar de pedra, por cima do qual está um oratorio envidraçado do Senhor Jesus dos Navegantes; dizem que aqui se disse a missa a que assistiu Vasco da Gama e seus companheiros no dia 8 de julho de 1497 em que embarcaram para a sua aventureira viagem sendo acompanhados d'alli até á embarcação por grande concurso de povo.

Entre outras bellas capellas tem:—a *capella-mór* em estylo romano, notavel pela architectura e por dois ricos pulpitos. A *capella Vasco da Gama*: que guarda os tumulos do grande navegador, Camões, e do rei D. Sebastião.



Villa Nova de Gaya == Festa de N. Senhora da Saude



Um aspecto da romaria

Teve uma enorme concorrência de forasteiros a romaria que no passado dia 15 se realizou junto á povoação dos Carvalhos, freguezia de Pedroso, concelho de Gaya, em honra de N. Senhora da Saude.

As gravuras que hoje publicamos apresentam varios aspectos d'esta importante romaria e da grandiosa procissão onde o povo, n'uma attitude respeitosa, assiste ao desfile do religioso acto.



O pallio cobrindo o Santo-Lenho



Novidades velhas e verdades que o não são

○○○○



«Broteria», no fascículo relativo ao mez de julho ultimo, reproduz o final d'uma conferencia que o professor Armando Gautier fez na universidade de Paris, em fevereiro d'este anno, sobre «preconceitos acerca da alimentação normal».

A julgar pelos termos que emprega, parece que o illustre cathedratico se persuadiu de que tudo quanto disse estava por dizer. Se assim o pensa, está redondamente enganado. Em muitos auctores que já não vivem, e de varias escholas, abundam semelhantes ensinamentos, quiçá menos preconcei-

NOI
NOI
NOI

bebidas fermentadas que dão alegria á mesa e energia ao organismo para resistir melhor á fadiga e aos agentes morbidos».

Laboriosas digestões?! Não basta ás exigencias da actividade moderna?!

Estas affirmações estão naturalmente desmentidas pelos factos: Nem todos precisam de ser vegetarianos como nem todos o podem ser. A verdade, porém, é que «as exigencias da actividade moderna» uma como vertigem ou phrenesi que parece ter-se comunicado aos proprios seres insensíveis, inutilisam muitos individuos que no regimen vegetariano ou frugivoro podiam manter o equilibrio das forças e da saude, continuando a prestar serviços á sociedade e á familia.

N'um vegetariano ou n'um frugivoro são as digestões incomparavelmente menos laboriosas, que



Andor de N. Senhora da Saude

tos. Se de entre estes escolhermos o grande apostolo e patriarcha da hydrotherapia, padre Sebastião Kneipp, encontramos, no «Vivei Assim» e nos «Cuidados com as Creanças» mais verdade, mais verdades,—como em nenhum auctor, em harmonia com o Evangelho e com as leis da natureza — intuição incomparavelmente mais profunda e, sobretudo, um cunho de sinceridade que parece privilegio exclusivo d'aquelle character.

Mas isto é o menos. O que me chamou a attenção e deu origem a estas breves considerações são estas duas proposições, tão erroneas como contradictorias :

«..... nada de vegetarianismo absoluto com suas laboriosas digestões, (o sublinhado é meu) o qual não basta ás exigencias da actividade moderna; acabe-se com a abstenção pueril de

NOI
NOI
NOI

n'um comedor de carne e apreciador de guisados e ensopados.

Ha, todavia, estomagos arruinados que em virtude do habito, e só d'elle, não são capazes de digerir fructa nem certos vegetaes.

*

A abstenção de bebidas fermentadas não é pueril, e affirmal-o tambem não é pueril porque é escarnecer da verdade e insultar a natureza.

O articulista da «Broteria» cobre tal doutrina com a auctoridade de Gautier, sendo certo que, para estropiar a verdade e negar factos ninguem pode ter auctoridade. Além d'isso, melhor que eu conhece a chronica de certas ordens religiosas cujos membros gosavam, para assim dizer, uma verdadeira immunidadade contra muitas doencas e molestias, o



que não pode ser senão efeito da abstinencia da carne e das bebidas fermentadas.

Como as proposições ventiladas afirmam simplesmente, eu nego simplesmente. Quando alguém

provar que são verdadeiras eu provarei que o não são.

DOURÃES CASTRO.



Um devoto cumprindo a promessa

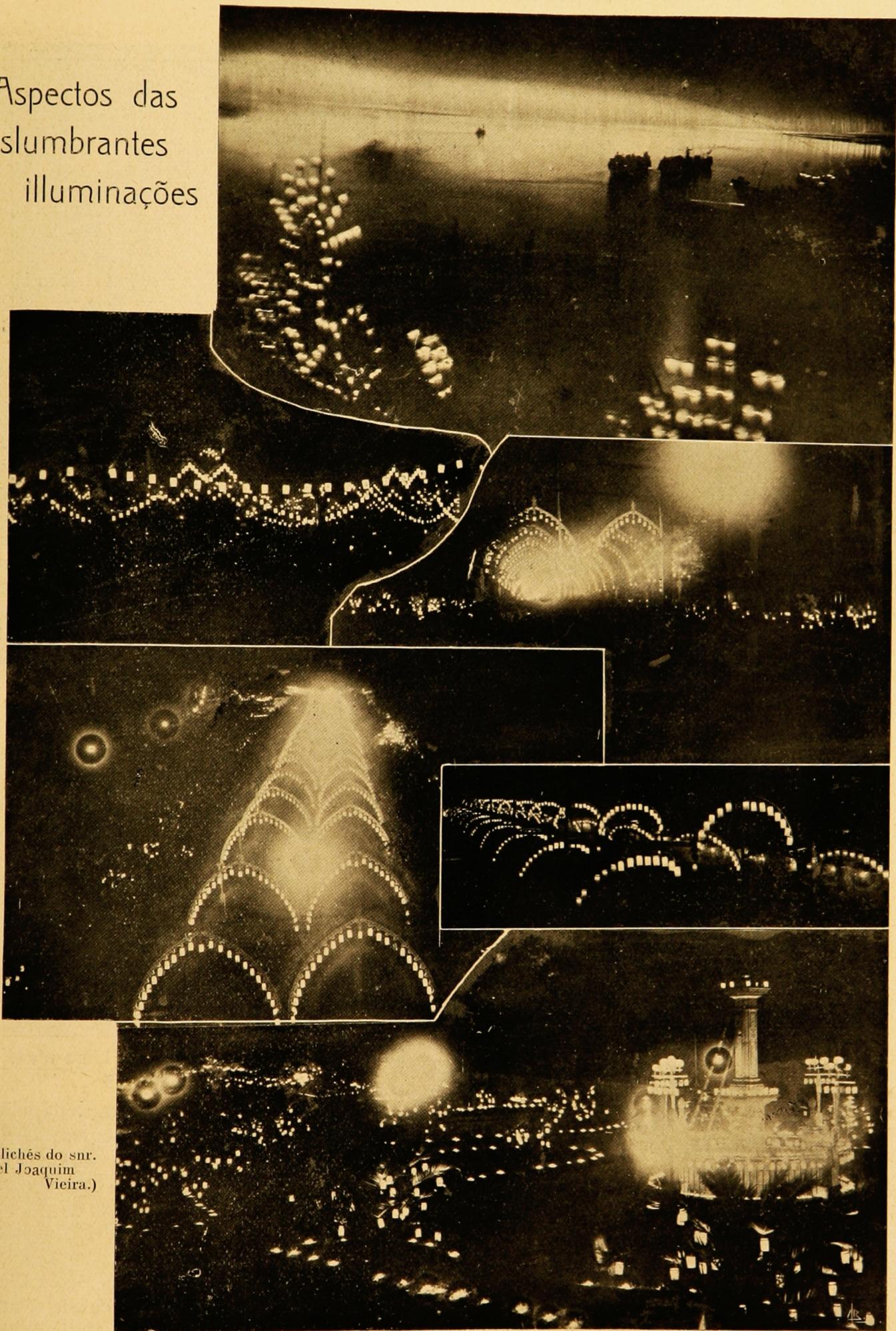


O povo assistindo ao desfile da procissão



VIANNA DO CASTELLO. As festas da Agonia

Aspectos das
deslumbrantes
illuminações



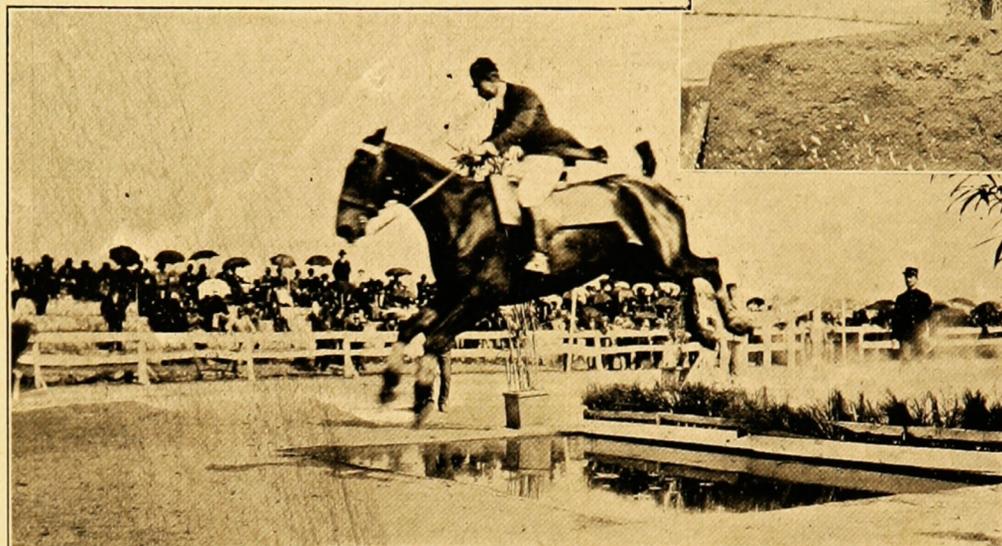
(Clichés do snr.
Manuel Joaquim
Vieira.)

1—Surpreza da Ponte metallica sobre o Lima. 2—Iluminação do Jardim Publico. 3—Aspecto da illuminação da Avenida Camões. 4—Outro aspecto da illuminação da Avenida Camões. 5— Iluminação do largo da Agonia. 6— Iluminação do Jardim de Mercurio.



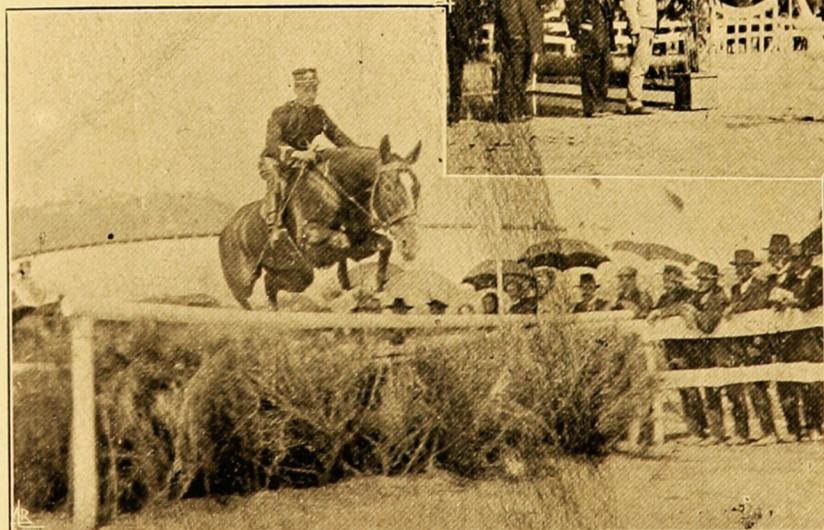
As festas d'Agonia. Concurso hyppico

N'esta linda cidade de Portugal, a celebrada princeza do Lethes, realisaram-se nos dias 17, 18, 19 e 20 do corrente as tradicionaes festas e feiras francas em honra da Virgem d'Agonia que se venera na capella da sua invocação, a qual fica situada no Campo do Castello, sendo esplendida a vista que d'ella se disfructa por se encontrar edificada n'uma eminencia.



O capitão Margaride n'um bello salto

Decorreram essas festas com o maior brilhantismo e com uma desusada concorrencia de milhares de forasteiros tanto nacionaes como estrangeiros que alli foram admirar as bellezas e os encantos da formosa cidade do Lima e gosar essa enorme romaria minhota onde o tradicionalismo se mantem e a alegria popular, carinhosa e boa, se



O capitão Lussignam saltando um obstaculo

(Clichés do sr. Manuel Joaquim Vieira)

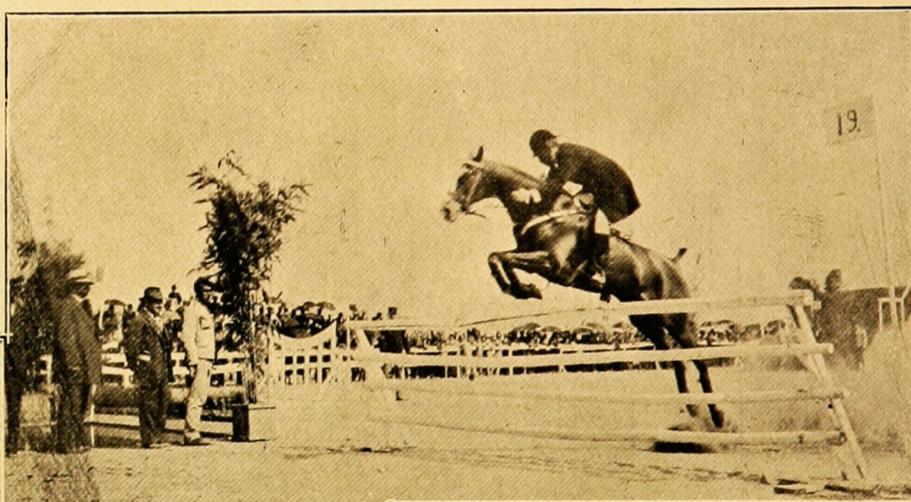
expande.

Publicamos alguns aspectos das illuminações dos dias 17 e 19 que foram deslumbrantes, sobresahindo a da Avenida Luiz de Camões e jardim de



O alferes Maia descendo uma rampa

Mercurio, onde 60:000 lumes davam a essas arterias marginaes um aspecto phantastico, e bem assim um aspecto da cachoeira luminosa, peça de fogo de 600 metros confiada á competencia artistica do fogueteiro José de Castro, d'aquella cidade, que na ponte me-



O capitão Martins de Lima n'um salto d'altura

tallica cerca das onze horas da noite do dia 20 e por occasião da serenata no Lima, appareceu com uma saudação aos forasteiros no fundo escuro d'esse quadro de maravilhas.

Inserimos tambem n'este numero alguns aspectos do concurso hyppico official promovido pelo Sport Club Viannense que n'aquella cidade se realisou com enorme concorrencia de dis-

tinctos officiaes do nosso exercito.

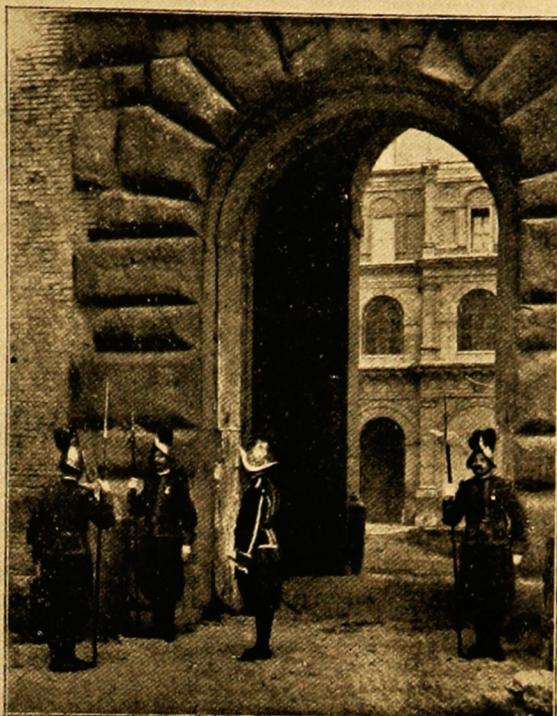
Foram umas festas esplendidas a que assistiram milhares de pessoas, que ficaram verdadeiramente encantadas com ellas.



NOZAS DO ESTRANGEIRO



O coronel Repond,
commandante da guarda suíssa



A rendição das guardas á porta do
Vaticano



O capitão Glasson, instructor
dos recrutas da guarda,
que foi demittido

Uma insubordinação na guarda pontificia



A imprensa anti-clerical de todos os paizes pouco ciosa da verdade, procurou ultimamente aproveitar-se de um lamentavel successo occorrido na guarda suíssa do Vaticano para d'ahi lançar o descredito ao governo Pontificio.

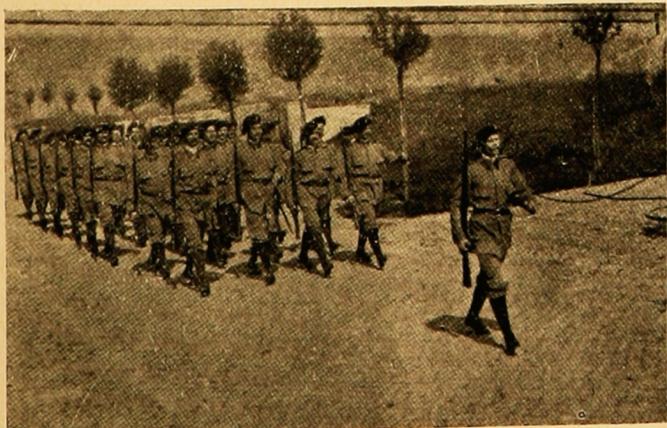
A pequena insubordinação teve a seguinte origem: O coronel Repond, commandante da guarda suíssa receando que o governo italiano por occasião d'uma sublevação popular de ele-



A bandeira pontificia e a sua
guarda

mentos exaltados não prevesse á defeza do Vaticano como é obrigado pela Lei das garantias quiz convertel-a n'uma tropa regular, convenientemente disciplinada, ordenando exercicios militares e impondo certos preceitos tendentes a salvaguardar a honra da pequena guarnição. Alguns suíssos não aceitaram com bom grado as novas condições e d'ahi tomaram o pretexto para tentativas de rebellião.

Um inquerito a que se procedeu deu em resultado a expulsão de tres e a immediata demissão do capitão Glasson e de uns treze suíssos. Ao commandante Repond foi mantida a confiança, e approvada a sua medida para a restauração da antiga disciplina.



Os exercicios contra os quaes se insurgiram
os guardas pontificios

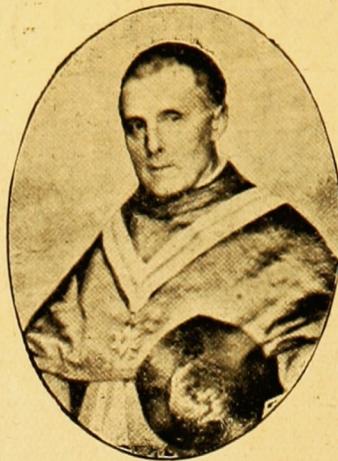


Uniforme que muito lhes agrada e que
vestem nas paradas





O principe Fernando da Rumania, herdeiro do throno e general-chefe do exercito

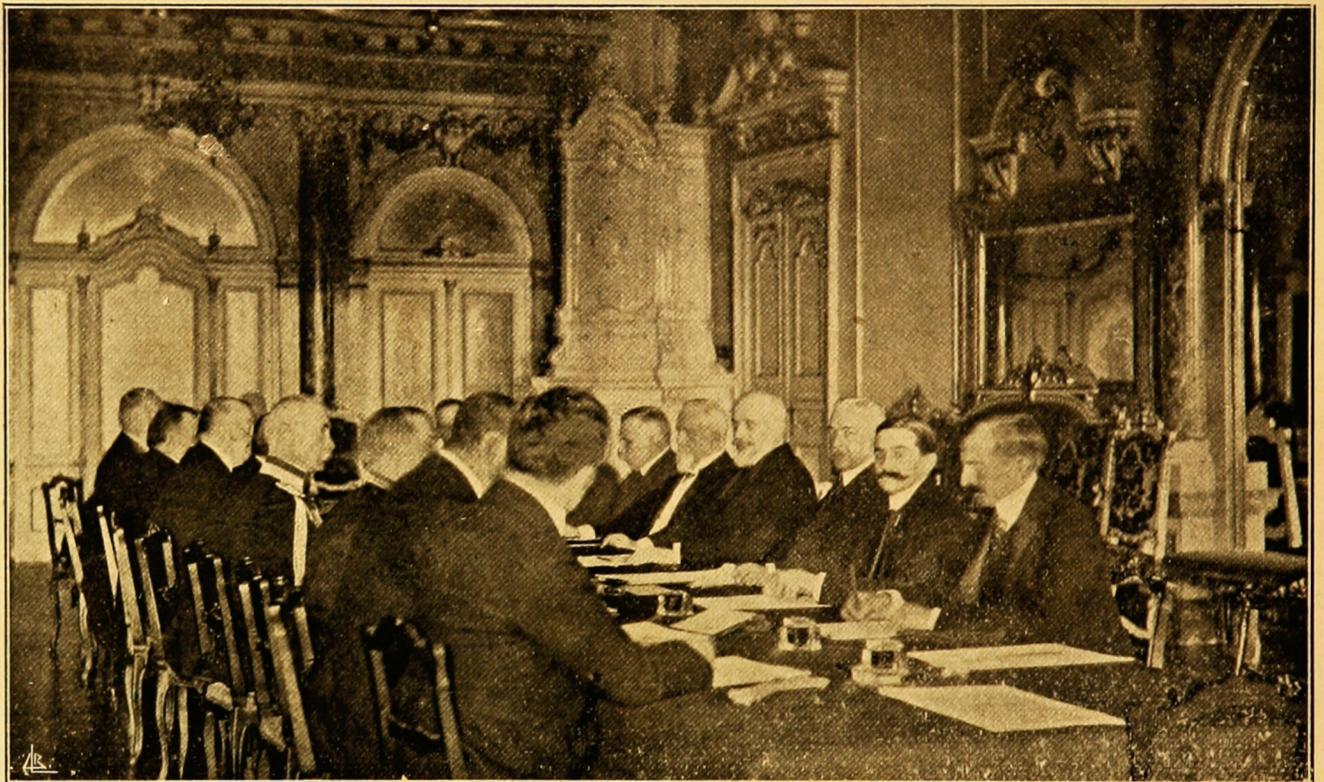


† **D. Joaquim Pérez Sanjulian**

Sacerdote de vasta cultura, publicista illustre e orador de nota, que mereceu justos elogios pelas suas obras doutrinarias em defeza da religião. Foi cathedratico do seminario de Lugo, d'onde era oriundo.



O rei Carlos da Rumania, da casa de Hohenzollern



Conferencia de Bucarest

Reunião plenaria dos delegados dos Estados Balkanicos, onde se resolveu a paz.



Constantino, rei da Grecia



Pedro 1.º, rei da Servia



Fernando 1.º, tzar da Bulgaria

